

# A NOSSA SOLIDARIEDADE DEVE TOMAR FORMA DE COOPERAÇÃO

21/12/81

## — Robert Mugabe no Banquete de Estado

Eis na íntegra o discurso proferido pelo Presidente da ZANU-FP e Primeiro-Ministro do Zimbabwe, Robert Mugabe, no banquete de Estado que lhe foi oferecido pelo Presidente moçambicano na noite de sábado:

Camarada Samora Machel  
Presidente do Partido FRELIMO  
Presidente da República Popular de Moçambique,  
Senhora Dona Graça Machel,  
Membros do Comité Central da FRELIMO,  
Camaradas Ministros,  
Ilustres convidados,  
Camaradas e amigos:

O provérbio diz: Este, Oeste, em casa é melhor! Não há de facto melhor lugar do que o lar! Regressei a casa; à casa onde a luta que levou o Zimbabwe à independência foi alimentada e criada; à casa onde a luta do Zimbabwe foi imprimida uma orientação correcta e enriquecida; à casa onde os nossos combatentes revolucionários e seus dirigentes encontraram a escola, não da teoria da luta de libertação, mas da sua prática; à casa onde os recursos humanos e materiais de Moçambique foram inteiramente mobilizados para o apoio da nossa luta de libertação nacional; à casa onde os nossos irmãos e irmãs foram preparados a enfrentar a fome, a sofrer e resistir pela causa dos seus irmãos e irmãs zimbabueanos. Estive fora de casa durante dois anos, ausente numa missão sagrada

um momento que deve estar registado no contexto histórico e na perspectiva correcta da luta de libertação nacional do Zimbabwe. Neste âmbito, a transformação qualitativa da luta nacional do Zimbabwe dirigida pelo meu Partido ZANU e o seu braço armado, a ZANLA, deve ser vista no contexto da transformação qualitativa da luta de libertação nacional de Moçambique.

A base desta transformação começa certamente pela dimensão política da unidade das forças democráticas e progressistas de Moçambique que, culminou com a formação da FRELIMO sob a liderança do falecido Presidente Eduardo Mondlane. Como passo lógico seguinte da orientação desse processo de transformação, foi a análise e avaliação da própria situação colonial de Moçambique em termos de definição e identificação do inimigo e os meios repressivos à sua disposição. Esta análise felizmente levou à adopção da luta armada como o principal meio de processar a luta de libertação nacional em Moçambique. Depois veio o método de levar a cabo essa luta armada, o efectivo desenvolvimento das Forças Populares de Libertação de Moçambique e a interacção, durante a luta, entre essas forças e as largas massas, na direcção da trans-

nos simplesmente dado conta do carácter comum do nosso inimigo, que nos oprimia, mas também da causa comum e destino comum.

O inimigo sofreu agora uma derrota completa nos nossos dois territórios e uma nova ordem democrática existe em Moçambique e no Zimbabwe, no lugar de uma opressão racista e de um sistema antidemocrático que o imperialismo e o colonialismo tinham estabelecido.

Nas nossas democracias, as massas que estavam oprimidas e a anterior minoria racista gozam de igual liberdade. Hoje não fizemos nenhuma retribuição ou tomarmos algumas medidas vingativas, mesmo contra Ian Smith e a sua clique racista.

Nós temos sido pela paz e humanismo; somos pela justiça e lealdade. Somos pela ordem e legalidade. Negamos, assim, a antiga opressão, injustiça e ilegalidade que nós suprimimos nos nossos sistemas. Estamos engajados numa política socialista e de orientação popular, no lugar da velha ordem que era o capitalismo, baseado no egoísmo e individualismo.

Camarada Presidente,  
Camaradas e amigos,

A marcha para a libertação foi longa

ção e nós vamos garantir que assim seja.

Como tarefa prioritária, nós avançamos com o processo de consolidação da paz, ganha duramente, com todo o rigor.

Por termos herdado três forças armadas, dispersas, que lutaram entre si durante a guerra da libertação sem vencerem as suas contradições, a imensa tarefa de integração destas forças e criação de um exército nacional com um único comando preocupou as nossas atenções.

Temos o prazer de anunciar que temos um único exército com um único comando, e esperamos que o processo de treino e reciclagem destas forças, para dar-lhes uma grande experiência, seja um processo contínuo.

Na verdade, a mais importante tarefa de todas, a defesa da nossa independência, duramente conquistada, requer que aumentemos a qualidade das nossas forças, em termos de prontidão e capacidade gerais, que os colocará num nível em que sejam capazes de repelir qualquer ataque ou invasão inimiga contra o nosso território.

Da mesma forma que fizemos para os nossos camponeses, também introduzimos reformas definitivas no domínio laboral. Em última análise, o sucesso do socialismo, baseado na filosofia marxista-leninista, depende do desenvolvimento dos trabalhadores e da classe operária.

A nossa visão demonstra que a condição para o desenvolvimento do papel dos operários é aquela que se divide em quatro tarefas iniciais.

Em primeiro lugar, o bem-estar em termos de vencimentos e condições de trabalho, tem de ser garantido.

Em segundo lugar, a formação física e mental dos trabalhadores deverá ser realizada para aumentar as suas capacidades profissionais.

Em terceiro lugar, deverá ser facilitada a participação na gestão empresarial, nas unidades onde trabalham.

Em quarto lugar, a sua organização em comités operários, conselhos operários e movimento de uniões sindicais é uma actividade necessária para criar uma solidariedade proletária e interacção, para dar aos operários a identidade requerida e facilitar o desenvolvimento da sua consciência ideológica.

O princípio já vem sendo feito em todas estas direcções, mas a tarefa continua por completar.

Camarada Presidente,

A minha delegação está contente em ter feito esta visita, porque existem várias áreas nas quais formas de cooperação estão ainda por definir e concluir. Olhamos de frente, portanto, as discussões frutíferas nestas áreas, de modo que a nossa solidariedade tome forma de uma cooperação prática, na base de reciprocidade e benefícios mútuos.

No presente contexto da África Austral, onde os nossos dois países irmãos estão empenhados em forjar relações bilaterais, Zimbabwe já deu a conhecer o seu compromisso para com a paz regional da mesma forma que tem para com a paz nacional, com a segurança dentro das suas fronteiras.

Dentro do Zimbabwe nós esforçamo-nos por unir todas as forças democráticas da ZANU e ZAPU dentro do nosso Governo nacional.

Na verdade, avançamos um pouco mais do que muitas pessoas imaginavam e espantamos os nossos antigos e actuais inimigos por termos convidado dois representantes da comunidade branca a participar no nosso Governo nacional. Neste caminho, nós sentimos que estamos a lançar bases para a unidade nacional, para a reconciliação nacional, bases para o estabelecimento de uma sociedade não-racial e a cooperação social no seio do povo.

Contudo, há um retrocesso substancial da paz no país. É relutante que os agentes da África do Sul estejam extremamente activos no nosso seio, especialmente nas nossas forças de segurança.

A sua única missão é negar tudo o que é positivo na nossa política e na

nossa ordem sócio-económica. Onde nós procuramos consolidar o Poder Popular eles procuram restabelecer o Governo minoritário.

Onde lutamos para conseguir uma estabilidade económica, eles estão a trabalhar no sentido de criar uma instabilidade económica. Onde nós esperamos uma democracia verdadeira, eles prefeririam uma oligarquia funcional, através de uma frente fantoche como aquela que foi constituída em 1978 pelo regime do bispo Abel Muzorewa.

Esta é a razão pela qual recentemente houve uma sabotagem do nosso paiol, o planeamento de um golpe de Estado.

Os factos ligados a isto serão dados a conhecer oportunamente, juntamente com outras actividades contra-revolucionárias no país.

As actividades da África do Sul na nossa região têm-se tornado alarmantes e devem ser severamente condenadas por todos os países amantes da paz. O último atentado de golpe de Estado nas Seychelles levado a cabo por um grupo de mercenários é uma prova do carácter selvagem do regime do «apartheid».

Ele já não tem reservas e abandonou há décadas a moralidade e distorceu as escrituras para fazer do «apartheid» uma filosofia Sagrada.

Qualquer estratégia que o «apartheid» adopte está condenada ao fracasso na nossa região e está certamente também condenada ao fracasso na frente nacional da África do Sul e na frente regional. As massas da África do Sul estão agora de armas, determinados a destruir a opressão e estabelecer uma sociedade democrática. Nós apoiamos totalmente a sua justa luta pela democracia, baseada no princípio de um homem um voto.

Na Namíbia, nós esperamos e convidamos que o regime de Pretória vá reconhecer e aceder às aspirações do Povo namibio, de forma e que a Resolução 435 seja implementada. Zimbabwe permanece firme na necessidade de que esta resolução permaneça inalterável durante o processo da sua implementação.

Nós aplaudimos a posição firme tomada pela SWAPO em relação à Resolução 435 no âmbito de negociações baseadas neste documento, da mesma forma que continuamos a dar o nosso máximo apoio pela sua defesa e do legítimo representante do Povo da Namíbia.

Estamos satisfeitos, Camarada Presidente, que Zimbabwe e Moçambique tenham as mesmas posições em relação aos assuntos internacionais. Estamos confiantes que da mesma forma que estamos a desenvolver os nossos dois sistemas no contexto das relações bilaterais o nosso povo poderá, em termos práticos, beneficiar das suas vitórias conjuntas, o gozo colectivo da liberdade, o gozo colectivo da soberania e independência, o gozo da unidade entre os dois povos, para que os seus laços culturais e étnicos, a sua geografia comum, a sua história comum, a sua luta comum e o seu destino comum, possam sempre recordá-los de que as fronteiras físicas entre eles são artificiais. Para eles sempre permaneceram como um único povo.

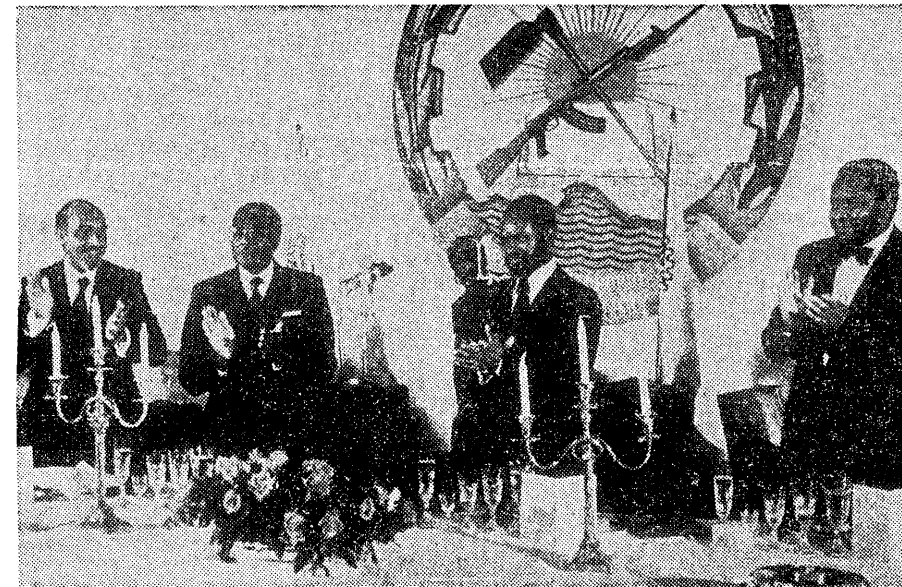
Permita-me agradecer-lhe de novo pelo convite estendido à minha delegação para visitar Moçambique. Esta é uma visita histórica e estou certo de que o mundo do melhor está atentemente na expectativa de ver o que virá após esta visita.

Mas o mundo deve saber que nós somos irmãos da mesma família, isto significa que a história da nossa luta tem sido a mesma, significa que o objectivo da nossa revolução é idêntico e significa que permanecemos como uma família pertencente à mesma família ideológica.

Permita-me que lhe convide a juntar-se-me num brinde:

Pela vitória comum dos povos de Moçambique e Zimbabwe sobre o imperialismo e colonialismo!  
Pela unidade dos nossos povos!  
Pela unidade e solidariedade entre a FRELIMO e a ZANU!

Pelo sucesso do Socialismo baseado no Marxismo-Leninismo!  
A saúde e bem-estar do Camarada Presidente Samora Machel e da Dona Graça Machel!



à procura de um novo lar para garantir que o combate militar que juntos levámos a cabo durante anos seja coroado por uma vitória política sob forma de independência nacional e de um governo eleito pelo povo. Camarada Presidente, quero aqui e agora informar que a missão que me levou a ausentar-me foi cumprida com êxito. O Povo do Zimbabwe é agora livre e independente.

Neste meu regresso em visita a este País revolucionário de Moçambique com o seu Povo revolucionário e Direcção revolucionária, sou portador de uma mensagem breve do Povo zimbabueano. A mensagem é a seguinte: nós derrotámos resolutamente o inimigo! Nós ganhamos a independência! A ZANU ganhou as eleições por maioria e lidera o Governo do país.

E o povo insiste de que devo mencionar que eu, Robert Mugabe, sou Primeiro-Ministro deste Governo e do país. O Povo do Zimbabwe, o meu Partido ZANU e o Governo desejam que eu expresse sinceramente à FRELIMO, à sua Direcção, em particular a si, Camarada Presidente Samora Machel, o seu profundo agradecimento pelo apoio total e sacrifícios do Povo moçambicano.

Camarada Presidente,  
Camaradas e amigos,

A minha visita oferece-me também

formação da luta armada em luta popular. Esta é uma grande lição da qual devemos beneficiar.

Camarada Presidente,

Fiz menção deste desenvolvimento histórico da luta de libertação nacional de Moçambique dirigida pela FRELIMO, porque por associação e através de laços de solidariedade tornaram-se a base e a estrutura da luta de libertação nacional do Zimbabwe. Se esta transformação qualitativa não tivesse ocorrido em Moçambique, estamos certos de que não teria havido uma República Popular de Moçambique e a base da retaguarda em termos de geografia da luta e a indispensável experiência com que nós beneficiamos.

Moçambique poderia continuar sob Governo colonial, e o Zimbabwe também.

Deve ser recordado, e espero que a nossa história registre este facto, de que a experiência da FRELIMO tornou-se experiência da ZANU, e que a vitória de Moçambique foi literalmente a vitória do Zimbabwe.

É este o fenómeno da nossa história revolucionária e as relações estreitas forjadas entre os nossos dois Partidos e Povos que ainda continuam a ser a última obrigação entre eles. Quando nós juntamos as nossas mãos lutando e sofrendo juntos não tinha-

e árdua. Os nossos povos fizeram muito sacrifício porque viram no objectivo da liberdade e independência como sendo crucial para o seu bem-estar e identidade nacional. Nós estamos constantemente recordados pela nossa história da luta popular de que qualquer que seja a política que escolhemos para funcionarmos como um Governo, deve ser sempre respeitado o princípio de que o povo vem primeiro, os seus interesses colectivos tomam a dianteira sobre os interesses individuais ou de indivíduos.

Quando o Zimbabwe tornou-se independente, o ano passado, foi imediatamente tarefa do novo Governo adoptar uma política que nós acreditamos ser destinada a dar ao povo um caminho em que aqueles que foram afectados pela guerra, aqueles que eram refugiados ou internados em aldeamentos, tivessem a sua vida urgentemente restabelecida num novo lar.

O programa de reinstalação das pessoas, na nossa situação, onde a grande parte da terra esteve sempre nas mãos dos latifundiários brancos, conheceu também naturalmente um processo de redistribuição da terra. O processo ainda está longe de ser completado, e nem sequer está atingida a metade. A população camponesa que deu impulso à luta armada, tem o justo direito de ser-lhe dividida a terra zimbabueana. É a sua aspira-